

A atualidade de “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon

Resenha da obra: Fanon, F. (1968). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.

Gabriel Barbosa Gomes de Oliveira Filho¹

¹Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*/UERJ. Rua São Francisco Xavier, 524, Maracanã. Rio de Janeiro - RJ. Brasil. gabrielbarbosa@id.uff.br

A obra “Os Condenados da Terra”, escrita por Frantz Fanon e publicada originalmente em 1961, trata da colonização e seus efeitos devastadores - por exemplo, na saúde mental - sobre o homem e as nações do Sul, mas aborda, principalmente, o *processo histórico* de descolonização do qual o autor era um expectador privilegiado.

Nascido na Martinica (departamento ultramarino francês no Caribe), Fanon foi um dos principais intelectuais tanto do movimento que ficou conhecido como terceiro-mundismo, quanto dos estudos pós-coloniais. Participou da Segunda Guerra Mundial na Resistência Francesa, onde estudou medicina e psicologia na Universidade de Lyon. Posteriormente dirigiu um hospital psiquiátrico na Argélia, onde se envolveu com a militância do

partido socialista Frente de Libertação Nacional na Guerra da independência argelina que ocorreu entre a década de 50 e 60.

Escrito neste contexto, seu livro traça o panorama político, histórico, cultural e psíquico da colonização na Argélia e na África. O título, que se refere à parte inicial do hino “A Internacional” em francês, demonstra a intenção do autor em retomar a teoria marxista a partir da realidade colonial e sua divisão entre *raças*.

Sua primeira observação é sobre a violência que a colonização implica, e a correspondente violência *absoluta* que decorre da descolonização. Esta última acarreta uma profunda transformação do ser colonizado, ou seja, a *criação de homens novos*. Como o mundo colonial é

um mundo dividido (podemos pensar na realidade do apartheid, para citar um exemplo), onde um lado se caracteriza pela *saciedade* e o outro pela *fome*, a relação entre essas duas partes opostas foi sempre feita por intermediários responsáveis pela opressão: o soldado, o *gendarme*.

Neste mundo cindido, que reflete a divisão entre raças, o colono permanece sempre como *estrangeiro* no território colonizado. Ainda que seu discurso seja exposto como universal, trata-se de uma “afirmação desenfreada de uma singularidade admitida como absoluta” (p. 30), que desumaniza o colonizado para torná-lo um animal. É ressaltada a linguagem zoológica do colono para o colonizado e sua forma de vida: de forma animalesca que se descreve o indígena, seu cheiro, seus modos, etc. Os *valores brancos/ocidentais/greco- latinos/individualistas*, às baionetas, foram afirmados como a solução a esta incivilidade e ganhando adeptos locais. Disto advém a afirmação de Fanon pela necessidade de expulsar este estrangeiro do território, suprimindo-o definitivamente.

A crítica ao processo de descolonização vivenciado à época, que busca unificar esses dois mundos e criar uma nação “heterogênea”, é a tônica dessa reflexão. Para uma verdadeira descolonização, Fanon afirma: “o mínimo

exigido é que os últimos se tornem os primeiros” (Fanon, 1968, p. 34). O autor denuncia, também, ao que chama de intelectuais colonizados, que consome tudo que vem do colonizador como bom, esquecendo a violência do colonialismo. São demasiadamente alimentados pelos valores do mundo de lá, demasiadamente acostumados, dependentes. E, para Fanon, não há conciliação, o colono é sempre um inimigo.

A culpa constante que sente o colonizado, a inferiorização ao qual este está regularmente submetido, a história que sempre é contada pelos vencidos; tudo isto são elementos que convidam o povo a tomar parte na luta por sua libertação. Para Fanon, a irritação que existe neles é canalizada, quando desorganizados, através de outras manifestações culturais, religiosas, e até na violência entre si mesmos. A obra convida, portanto, aos engajados a refletirem (e aos partidos políticos e intelectuais a reverem) seus meios e táticas; e, principalmente, sua forma de organização. O centro da luta no mundo colonial, Fanon advoga a eles, perpassa pelas *palavras de ordem nacionalistas*. Ou seja, no local de poder aos proletários, defende, antes de tudo, o poder ao campesinato, aos indígenas, aos famélicos.

Aqui, contraria uma teoria marxista ortodoxa, propondo um papel diferente para o lumpemproletariado. São esses os que possuem, a seu ver, a necessária independência da colônia para um processo de descolonização que realmente valha. E, também, a capacidade de superar o discurso dos colonialistas e da *jovem burguesia nacional* [que Fanon expõe no capítulo da “Desventuras da Consciência Nacional”] sobre a não-violência, e impor ao colonialismo uma (necessária) violência maior do que este acarreta.

Fanon busca, também, retirar o tema da descolonização do campo de disputa entre o mundo capitalista e o mundo socialista. Conseqüentemente, no campo internacional, os países do Terceiro Mundo devem buscar seu próprio caminho e influir para que o mundo todo não sofra com a nuclearização da Guerra Fria.

Mas os condenados da terra não sofrem com a intimidação dos foguetes das grandes potências, posto que eles mesmos já vivem imersos constantemente numa realidade (*atmosfera*) violenta. Por isso, Fanon aposta que são estes os que reconhecem que é a violência do colonizado confrontando o colonizador que libertará os países africanos: a *práxis violenta* é à base da consciência nacional - “de causa comum, de destino nacional, de história coletiva”. Assim, como a luta

continua mesmo depois da (des)colonização, o pensamento de Fanon permanece atual.

Referências

Fanon, F. (1968). *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira.

Recebido em: 05/07/2017
Aprovado em: 30/07/2017
Publicado em: 17/11/2017

Como citar este artigo / How to cite this article / Como citar este artículo:

APA:

Filho, G. B. G. O. (2017). A atualidade de “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 2(2), 830-832. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n2p830>

ABNT:

FILHO, G. B. G. O. A atualidade de “Os Condenados da Terra” de Frantz Fanon. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 2, n. 2, p. 830-832, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n2p830>

ORCID

Gabriel Barbosa Gomes de Oliveira Filho

 <http://orcid.org/0000-0003-2045-3827>